

# Acervos de livros das bibliotecas das instituições de ensino superior no Brasil: situação problemática e discussão de metodologia para seu diagnóstico permanente

Antonio Lisboa Carvalho  
de Miranda

## Resumo

*O artigo apresenta: 1) a evolução dos estudos sobre acervos de bibliotecas universitárias no Brasil: a situação problemática, a inconsistência de dados e enfatiza a questão de livros por aluno; 2) a metodologia proposta pelo autor, seguindo o estudo pioneiro sobre bibliotecas universitárias de educação, em 1977; 3) a avaliação da coleção bibliográfica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1980); 4) a caracterização da coleção bibliográfica da Fundação Universidade do Amazonas (1987); 5) e, com mais detalhes, o estudo de caso da metodologia empregada na análise da coleção bibliográfica da Universidade de Brasília. O autor descreve a situação atual das coleções bibliográficas das bibliotecas em 52 universidades federais brasileiras – com a média de 18,26 livros por aluno – e a ordem decrescente das coleções bibliográficas em sua distribuição geográfica. Finalmente, a descrição de metas e providências governamentais para promover o desenvolvimento de coleções bibliográficas – para fazer as bibliotecas menos desenvolvidas alcançarem 10 volumes por aluno, pelo menos, nos próximos cinco anos – é mostrada.*

## Palavras-chave

*Desenvolvimento de coleções; Metodologia para avaliação de acervos informacionais; Relação percentual livros por aluno; Bibliotecas universitárias/Brasil.*

## INTRODUÇÃO

A literatura brasileira de biblioteconomia não é pródiga em estudos quantitativos e qualitativos de acervos de nossas bibliotecas universitárias. A problemática dos acervos ao público acadêmico, por meio dos serviços bibliotecários, tem merecido mais uma abordagem teórica e propagandística do que propriamente estudos de casos e/ou análises sistemáticas de situações concretas.

Com a criação e consolidação de sistemas de bibliotecas universitárias, nas décadas de 70 e 80, e com a atuação da Assessoria de Planejamento Bibliotecário da Capes/MEC (1977-1981), a questão de dados sobre as bibliotecas acadêmicas, em geral, e sobre as coleções bibliográficas, em particular, passou a demandar atenção primordial. Sucessivos estudos começaram a ser encomendados e apresentados em seminários nacionais de bibliotecas universitárias, a partir de 1979, enquanto pesquisas mais sistemáticas começaram a ser incentivadas pelo Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU), da Sesu/MEC, sobre problemas como a automação dos acervos, o empréstimo-entre-bibliotecas, normas e procedimentos padronizados, modelos organizacionais etc, inclusive sobre a elaboração de listas básicas de periódicos

e a necessidade de ações no tocante à seleção coordenada e à aquisição cooperativa de acervos, sobretudo os hemerográficos.

A problemática do acervo bibliográfico propriamente dito, apesar de sua crucial relevância para o ensino e a pesquisa, não mereceu ainda a correspondente ênfase e preocupação.

Poder-se-ia afirmar que, nas duas últimas décadas, com o advento e proliferação de cursos de pós-graduação, os orçamentos começaram a priorizar sistematicamente a aquisição de periódicos, e, à medida que tais verbas foram sendo reduzidas durante a crise global de nossa economia, foram sendo extinguidos os recursos para a rubrica específica de "material permanente" que engloba também livros e monografias, com os conseqüentes prejuízos para todo o ensino e, em particular, para o segmento majoritário da graduação.

Apesar do crescente papel que os materiais não-convencionais vêm ganhando na difusão do conhecimento e da propagada tendência à "sociedade sem papel" (*paperless society*), onde as informações passariam a ser virtuais, em vez de impressas, o livro ainda representa o princí-

pal instrumento da educação e ensino, mesmo nos países desenvolvidos.

Sem pretender entrar em discussão sobre a modernidade ou anacronicidade do livro como veículo ideal de comunicação científica, cabe, no entanto, constatar a sua supremacia em nossas bibliotecas. De fato, 77,9% do acervo total das bibliotecas brasileiras, em 1976, no último e único inventário global de nossos acervos bibliográficos empreendido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), eram compostos de livros, contra 15,2% de periódicos e apenas 5,1% de folhetos<sup>1</sup>.

Lamentavelmente, o citado repertório estatístico não apresenta uma tabela específica sobre as nossas bibliotecas universitárias, no período\*.

A já citada prioridade de estudos sobre a organização de acervo – inclusive em nível cooperativo e valendo-se de sistemas integrados em nível institucional, mediante a catalogação cooperativa automatizada, como o Bibliodata-Calco, que se constitui em inegável avanço –, esbarra no “calcanhar de Aquiles” da pobreza bibliográfica dos mesmos acervos. Estaríamos, em tese, desenvolvendo esforços crescentes na solução de problemas de catalogação com o uso de computadores, no afã de promover melhores e mais sofisticados serviços aos usuários, na proporção inversa da decadência dos próprios acervos que, comprovadamente, reduzem-se por falta de novas aquisições, por descartes promovidos por avaliações, ou por furtos, vandalismo, ou até motivados por catástrofes.

Sobre a pobreza e desatualização de nossos acervos, valeria citar a avaliação feita pelos especialistas participantes da elaboração do documento “Ação Programada em Ciência e Tecnologia – Informação em Ciência e Tecnologia”<sup>2</sup>, em 1984:

“A formação e desenvolvimento de coleções bibliográficas, insumo essencial ao ensino e pesquisa, apresentam inúmeras

deficiências, que decorrem, em sua maior parte, das dificuldades e limitações financeiras, administrativas e cambiais para sua aquisição. Considerando-se que, na maioria das áreas do conhecimento, a literatura procedente do exterior é a de mais alta demanda e os seus custos, torna-se evidente o enorme grau de dificuldade que se enfrenta neste terreno, principalmente em tempos de crise econômica. Verifica-se alta incidência de coleções incompletas de periódicos, ocasionada pela diminuição absoluta e relativa dos recursos orçamentários destinados à aquisição de material bibliográfico. Os acervos de documentos nacionais também apresentam um progressivo empobrecimento, seja devido às dificuldades comuns a todas essas instituições, seja em consequência da concentração dos limitados recursos na aquisição de materiais estrangeiros, em face de sua reconhecida importância e do próprio empenho dos usuários em ressaltar a prioridade da bibliografia internacional no campo de pesquisa”<sup>2</sup>.

Para se ter uma visão da pobreza relativa de tais acervos, basta transcrever texto publicado na *Folha de S. Paulo*, em 10 de outubro de 1987, citado por Yone Chastinet<sup>3</sup>.

“As bibliotecas das instituições federais de ensino superior (lfes) somaram um acervo de 6,5 milhões de livros. À primeira vista, este número pode parecer vultoso, mas, se comparado ao acervo de apenas uma das principais universidades norte-americanas, como Harvard, por exemplo, ele ganha outra dimensão. Essa biblioteca possui em suas estantes cerca de 11 milhões de livros, distribuídos por 100 bibliotecas setoriais. A comparação se torna ainda mais eloqüente, quando feita em relação aos maiores acervos universitários brasileiros, que não ultrapassam 1,5 milhões de volumes: a Universidade de São Paulo (USP) com cerca de 1,2 milhões, e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com cerca de 750 mil”.

O trabalho de Chastinet estende-se à análise dos orçamentos das lfes alocados às bibliotecas, no período 1985-1988, assim como das fontes externas de financiamento ao desenvolvimento de acervos, na busca de argumentos para sensibilizar as autoridades universitárias e o próprio Ministério da Educação e Cultura (MEC), com vistas a atacar as causas do quadro deficitário de recursos informacionais\*.

No mesmo documento de circulação restrita<sup>3</sup>, a autora condensou os dados da coleta apresentados no quadro 1.

Quadro 1 – Média de volumes de livros por aluno 1985-1988

Nº de Instituições federais de ensino superior (lfes)	Variação da média
10 (a)	até 10
18 (b)	de 10.1 a 20
12 (c)	de 20.1 a 30
5 (d)	de 30.1 a 40
2 (e)	acima de 40

- a) = UFBA, UFF, UFSM, UFES, UFGO, FMTM, UFRN, UFPI, UFRPE, FURG  
 b) = UFSC, UFPR, UFPB, UFCE, EFEI, UFJF, UFAL, UFRRJ, FCMPA, UFU, UFMA, FCAP, CENTEC/BA, UFSE, ESAL, EFOA, UNIFRIO, UFPEL

- c) = UFBA, UFPE, UFAM, UFMS, CEFET/PR, UFSCAR, UFAC, UFMT, FAFEOD, CEFET/MG, CEFET/RJ, EFM  
 d) = UFRGS, UFMG, UFV, UFOP, UFRJ  
 e) = UnB, ESAM

Fonte: CHASTINET, Yone Sepúlveda. 1988<sup>3</sup>.

\* Apresenta a tabela “Acervo existente em 31 de dezembro de 1976 por unidades da Federação e categoria, segundo o tipo de publicação”, na qual seria possível descobrir o estado do acervo das bibliotecas universitárias por Estados, mas sem oferecer, elaborado, um somatório global, o que dificulta o uso da fonte.

\* Como a questão orçamentária escapa ao âmbito do presente artigo, bastaria informar que a variação percentual de recursos alocados pelas lfes às bibliotecas variava de menos de 0,4% até 9,66%, no período, considerando que os orçamentos vêm regredindo, provavelmente também os montantes e até os percentuais, ficando a sua comprovação ou não para estudo específico.

Sendo a questão dos acervos tão ampla, o presente trabalho restringe-se à trajetória dos poucos artigos que tratam o problema no Brasil, visando a dimensionar a real oferta de livros, limitando-se ao reduzido, mas expressivo universo das bibliotecas universitárias das instituições federais de ensino superior – as Ifes.

A revisão da literatura pretende revelar as abordagens e metodologias empregadas nos estudos, exclusivamente aqueles voltados para a caracterização dos acervos, isto é, a visibilidade da oferta de documentos, excluindo outros estudos indicativos do uso dos mesmos, ou seja, voltados para a demanda, que requerem outros enfoques e métodos.

## ANTECEDENTES

Um dos graves problemas que o administrador de sistemas de informação enfrenta é a falta de dados correntes e retrospectivos para facilitar as análises e as conseqüentes tomadas de decisões administrativas. Ora os dados são incompletos, ora inacessíveis, ora incompatíveis entre si, para não citar os falsos e os inexistentes. Não havendo uma norma preestabelecida, de aceitação geral, os dados disponíveis variam de qualidade conforme os critérios (ou falta de) na sua elaboração.

A organização do primeiro (e único) *Guia de bibliotecas universitárias brasileiras*<sup>4</sup>, compilado ao tempo da Assessoria de Planejamento Bibliotecário da Capes/MEC, em 1979, defrontou com a dificuldade em questão. O questionário-padrão\* recebido de 488 bibliotecas acadêmicas (90% do total existente em 1978), mesmo com a salvaguarda do teste-piloto, trouxe um número considerável de inconsistências, quase sempre no tocante à classificação dos acervos bibliográficos e dos serviços prestados à comunidade, em virtude de critérios e de definições próprios de cada instituição.

No que interessa ao presente trabalho, resultou difícil definir o conceito de “coleção” para os efeitos do guia e, mais ainda, subdividir os itens pertinentes. Como ilustração do problema, o termo “livro” tanto podia significar “volume”, “exemplar”, “título” como “monografia”, com as dificuldades decorrentes. Prevaleceu a idéia de “volume” como sinônimo de “exemplar”, porquanto a definição de volume propriamente dita poderia confundir com a sua interpretação no campo da editoração, onde não necessariamente corresponderia à noção de volume físico da obra. Casuisticamente, “separata” e “teses” e, não raro, “folhetos” foram excluídos e considerados em quadros estatísticos próprios.

O referido guia, feito em condições precárias, sem o apoio de tecnologias computacionais, não gerou quadros globais e analíticos, tarefa em parte retomada por Maria Carmen Romcy de Carvalho, em 1978-1979, para sua obra *Estabelecimento de padrões mínimos para bibliotecas universitárias*<sup>5</sup>, assumindo as imperfeições próprias daquela coleta.

A citada autora constatou a oferta de oito livros por usuário em potencial, considerando o universo de 883 mil alunos e professores, relativamente a dados de 1978, para um acervo de 7 milhões de volumes. E acrescenta:

“Se levarmos em consideração a grande quantidade de exemplares de cada título existente nessas bibliotecas, certamente este indicador descerá ainda mais. Se considerarmos ainda as informações sobre a idade e o idioma do acervo, reduziremos ainda mais o número de livros possíveis de serem utilizados”<sup>5</sup>.

Ela poderia ir mais adiante e questionar, além da obsolescência e da barreira lingüística, as questões de pertinência e relevância dos textos, isto é, se guardam uma relação positiva com os temas e necessidades próprias dos usuários e se tais textos foram efetivamente publicados pelos melhores especialistas e editoras como premissas para dimensionar e aquilatar a verdadeira tragédia de nossa “miséria bibliográfica”. Recorda, no mesmo trabalho<sup>5</sup>, que a Conferência de Kampala, organizada pela Unesco, em 1970, recomendou 50 volumes por aluno, para depois atingir 75 volumes por aluno em 1980<sup>6</sup>.

## ESTUDOS PIONEIROS E DIFICULDADES

Estudo pioneiro, realizado por Miranda<sup>7</sup>, em 1977, sobre as bibliotecas dos cursos de pós-graduação em educação no Brasil, analisou e comparou, pela primeira vez, a situação das bibliotecas universitárias que

atendiam àqueles cursos, propondo um metodologia específica para o levantamento de dados dos acervos informacionais com vantagem de os dados terem sido coletados *in loco*.

“Dada a diversidade infra-estrutural das bibliotecas e centros de documentação visitados, o questionário original sofreu pequenas alterações durante o levantamento”<sup>7</sup> – reconhece o autor – obrigando a adaptações, valendo-se quase sempre da técnica da amostragem para completar ou gerar dados, e, só em casos extremos, recorreu à improvisação, mediante porcentagens “intuitivas” com relação à idade e idioma das coleções, a partir da opinião e experiência dos bibliotecários, porquanto não existiam estatísticas específicas (como, aliás, continuam não existindo).

O trabalho do consultor consistiu em elaborar os dados, não raras vezes, diretamente nas estantes ou nos fichários, até que uma metodologia mais bem elaborada viesse a ser proposta<sup>8</sup> e aplicada em outras instituições, como veremos a seguir.

Segundo a referida proposta, o acervo informacional foi dividido em cinco categorias, a saber:

- coleção de referência – tanto as obras terciárias (enciclopédias, dicionários etc), quanto os modernos instrumentos de pesquisa bibliográfica (catálogos, índices etc.);
- coleção de “lastro” ou básica – fundamental para a pesquisa e o ensino, na medida em que visa a oferecer o que é considerado de maior valor e permanência na literatura especializada;
- literatura corrente – a mais problemática, na medida em que a atualização de acervos enfrenta a falta de fontes adequadas e atualizadas de seleção, a precariedade do controle bibliográfico, a ausência de resenhas e parâmetros para a avaliação e a falta crônica de recursos;
- coleções especiais – quanto ao suporte (ex. vídeos, obras, mapas etc.), ou pela sua especificidade (ex. documentos sobre a instituição, sobre a região etc.);
- hemerografia – os acervos de publicações periódicas e seriadas, cuja natureza, uso e forma de colecionamento exigem técnicas de aquisição, tratamento, armazenamento, uso e conservação próprias.

\* Tomou-se como modelos os da Embrapa-DID e o do Convênio Instituto Nacional do Livro/IBGE, este último usado para levantar a situação em todas as bibliotecas brasileiras, em 1976. Em seguida, o IBICT trabalhou na proposta de um formulário-padrão para coleta de dados sobre bibliotecas, com a ampla participação de especialistas da comunidade de Informação Científica e Tecnológica (ICT), não chegando, porém, a publicar o resultado final.

A proposta englobava ainda a subdivisão do acervo para satisfazer o conhecimento mais detalhado de algumas classes, sobretudo em bibliotecas setoriais especializadas, valendo-se das subclasses utilizadas para a classificação das obras pela Classificação Decimal Universal (CDU) ou Classificação Decimal de Dewey (CDD)\*

A idéia básica era a de que a biblioteca, conhecendo o *status quo* do acervo, poderia estabelecer políticas de desenvolvimento de coleções compatíveis com a vocação institucional, de forma racional e responsável, com a aprovação da comunidade por meio de uma comissão de seleção.

No tocante à idade e ao idioma das coleções, pretendia-se que as bibliotecas tivessem conhecimento cabal que permitisse a avaliação da situação atual do acervo e ainda projetar evoluções consentâneas com os interesses dos usuários.

Nesse particular, o estudo das bibliotecas da área de educação revelou, em 1987, que "19,6% de livros da classe educação das bibliotecas pesquisadas foram editados anteriormente a 1960 (inclusive), 40,9% entre 1961-1970 e 39,4% na década (1971-1980). Verifica-se que as coleções são novas, como também são novas as bibliotecas"<sup>7</sup>.

Estudos idênticos em outras classes e subdivisões subsidiariam tomadas de decisão relativas à seleção e aquisição que propiciassem balanceamento mais justo do acervo, em termos de temas, obsolescência e barreiras lingüísticas de conformidade com o nível e interesses dos usuários.

## AValiação DO ACERVO DA UFRN

O primeiro estudo usando a referida metodologia foi empreendido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)<sup>8</sup>, em 1980, gerando quadros estatísticos demonstrativos da idade, dos idiomas do acervo, por assunto e as correlações com o universo de usuários.

O estudo permitiu caracterizar a evolução dos recursos e dos usuários, em termos quantitativos, e compreender as decisões que foram tomadas no processo de desenvolvimento das coleções. Ficou demonstrado que o acervo é sempre o reflexo de ações contínuas ao longo de um período de tempo, de forma consciente ou não, mas possível de ser reconstituído. Em outras palavras, tais estudos possibilitam recuperar as ações e omissões que levaram à configuração de um acervo determinado, como também possibilitam a adoção de políticas de desenvolvimento que favoreçam o seu aperfeiçoamento e adequação a novas realidades.

O grande mérito do trabalho de Ferreira e colaboradores<sup>9</sup> foi o de visibilizar a coleção de forma estruturada, subdividindo-a por tipos (referência, coleção especial, geral), por classes da CDU, por idiomas e idades e confrontando com o universo dos usuários, ou seja, confrontar a oferta com a demanda potencial e ao longo de um período (da criação da biblioteca, em 1959, até 1977).

Infelizmente, porém, o trabalho não apresenta as correlações entre acervos *versus* usuários, em forma global. Com tal intuito, elaboramos o quadro 2, valendo-nos dos dados colhidos no texto original.

Verifica-se um acentuado declínio da oferta de volumes, oscilando de 18,67 livros por usuário no período inicial, à metade, ou seja, 9,51 no fim do período. Entretanto, o coeficiente utilizado foi "leitores registrados", muito controversal, excessivamente afetado pelas variáveis de sua composição. Por exemplo, presume-se um crescimento acelerado no número de matrículas no período inicial, em virtude do crescimento correspondente do número de alunos na universidade, fazendo decrescer a relação *per capita* do acervo. No período final, com a inauguração do prédio da biblioteca central, ter-se-ia motivado o crescimento do número de usuários matriculados, explicando, conseqüentemente, a diminuição da oferta relativa de obras por aluno, apesar do crescimento sustentado do acervo (de 53 889 para 91 579).

Fica claro que a adoção de diferentes conceitos – "usuários potenciais" (alunos + professores), "usuários" matriculados nas bibliotecas (alunos, professores, funcionários e público externo) e "alunos" (matriculados nos cursos acadêmicos) leva a resultados estatísticos absolutamente diferentes, impossibilitando a comparação de resultados.

Cabe ainda ressaltar que não foram incluídos no acervo da UFRN 49 037 volumes não catalogados até 1978 (36% do total) e 44 011 até junho de 1979 (também 36%). Tal problema não é exclusivo da UFRN, porquanto se calcula que de 25 a 30% do total de acervos das bibliotecas universitárias brasileiras esperam pelo processamento técnico para sua incorporação definitiva e colocação em disponibilidade para os usuários.

Quadro 2 – Situação do acervo da UFRN 1962-1979

	1962/1974	1975	1976	1977	1978	1979 até jun
LIVROS CATALOGOS	53 889	57 856	61 165	69 575	86 653	91 579
LEITORES REGISTRADOS	2 885	3 677	5 003	7 025	8 050	9 623
RELAÇÃO PER CAPITA	18,67	15,73	12,22	9,90	10,75	9,51

Fonte: FERREIRA, Sonia Campos. 1980<sup>9</sup>.

\* O principal entrave à adoção do método proposto, à época, por Miranda, era o excessivo trabalho exigido no levantamento de dados, quase sempre direto com as obras, dada a inexistência de outros mecanismos. Com a posterior disseminação de formatos automatizados, como a Bibliodata-Calco, onde todos os dados estão presentes na descrição dos acervos, a compilação de dados tomou-se muito mais simples, o que não significa ainda a sua adoção generalizada. Ao contrário, a maioria das bibliotecas continua desconhecendo o potencial extraordinário que tem em mão para a geração de dados úteis, não apenas para o desenvolvimento de coleções, quanto para o gerenciamento de serviços em geral.

## CARACTERIZAÇÃO DO ACERVO DA FUAM

O estudo empreendido pela equipe do Sistema de Bibliotecas, da Fundação Universidade do Amazonas (Fuam)<sup>10</sup>, sob a orientação de Miranda, com o apoio do Cedate, possibilitou o perfil global das bibliotecas, com as seguintes características:

- concentração nas décadas de 70 (41,67%) e 60 (24,53%), no tocante à idade do acervo;
- predominância em língua portuguesa (70,16%), seguindo-se a espanhola (12,75%) e a inglesa (10,98%);
- concentração nas áreas de ciências sociais (34,57%), ciências aplicadas (20,82%), lingüística e literatura (14,59%) e ciências puras (12,37%);
- índice médio de duplicação de 1,83%, embora a maioria das bibliotecas apresente índices superiores;
- disponibilidade média de cinco títulos por usuário potencial.

Conviria comentar que um tal perfil ajusta-se perfeitamente ao tipo de universidade, à medida que as obras parecem corresponder mais à demanda de alunos de graduação do que da pós-graduação e à pesquisa, onde os índices de textos em inglês costumam ser mais elevados. Restaria saber se a distribuição do acervo, pelas áreas de conhecimento, correspondem aos percentuais adequados à demanda potencial.

O levantamento em questão foi exaustivo pela coleta de dados diretamente nas estantes, volume por volume, nas 12 bibliotecas dos *campi*. A título de exemplo, apresentamos o quadro 3, demonstrativo do conjunto do acervo.

Um panorama semelhante é oferecido sobre a situação do acervo de livros e monografias das bibliotecas da Fuam em relação ao idioma/título, que pode ser consultado no texto original<sup>10</sup>.

Destaca-se o quadro 4, que espelha a situação do acervo em relação com o total de alunos, correspondendo a uma média de cinco títulos e oito volumes por usuário potencial (no caso, apenas alunos).

**Quadro 3 – Situação do acervo de livros e monografias das bibliotecas da Fuam Idade/Título**

BIBLIOTECAS	PERÍODOS								TOTAL
	- 1959	1960/19	1920/36	1940/58	1960/80	1970/70	1980 -	S/DATA	
ICHL	86	196	539	1 433	3 113	3 428	900	641	10 396
MINI-CAMPUS	2	3	26	480	2 198	4 897	1 608	354	9 568
MEDICINA	4	2	2	97	377	1 093	322	70	1 967
ODONTOLOGIA	-	5	22	81	96	213	55	26	498
FARMÁCIA	9	1	8	62	305	358	95	20	858
EDUCAÇÃO	2	6	24	200	775	1 716	367	152	3 242
ECONOMIA	-	3	27	373	665	1 082	312	116	2 579
ADM./ CONTABILIDADE	-	-	3	102	444	970	159	90	1 768
DIREITO	131	172	196	1 364	774	910	569	138	4 254
CEDEAM	35	39	122	175	84	119	67	12	653
DAL	1	5	9	50	132	441	104	19	761
<b>TOTAL</b>	<b>270</b>	<b>432</b>	<b>978</b>	<b>4 477</b>	<b>8 964</b>	<b>15 227</b>	<b>4 558</b>	<b>1 638</b>	<b>36 544</b>

Fonte: LIMA, Raimundo Martins *et alii*. 1987<sup>10</sup>.

**Quadro 4 – Situação do acervo de livros e monografias das bibliotecas da Fuam Média de duplicação/disponibilidade por usuário**

BIBLIOTECAS	ACERVO/DUPLICAÇÃO			USUÁRIO/DISPONIBILIDADE		
	TÍTULOS	VOLUMES	PERCENTUAL	POTENCIAL	TÍTULO	VOLUME
ICHL	10 396	15 851	1.52%	1 608	6	10
MINI-CAMPUS	9 568	21 894	2.29%	2 016	5	11
MEDICINA	1 967	4 001	2.07%	691	3	6
ODONTOLOGIA	498	1 142	2.29%	182	3	6
FARMÁCIA	858	1 767	2.06%	142	6	12
EDUCAÇÃO	3 242	7 008	2.16%	641	5	11
ECONOMIA	2 579	3 235	1.25%	563	5	6
ADM./ CONTABILIDADE	1 768	4 158	2.35%	1 470	1	3
DIREITO	4 254	6 360	1.50%	772	6	8
DAL	761	797	1.05%	8 085	0	0
CEDEAM	653	727	1.11%	5 054	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>36 544</b>	<b>66 940</b>	<b>1.83%</b>	<b>8 085</b>	<b>5</b>	<b>8</b>

Fonte: LIMA, Raimundo Martins *et alii*. 1987<sup>10</sup>.

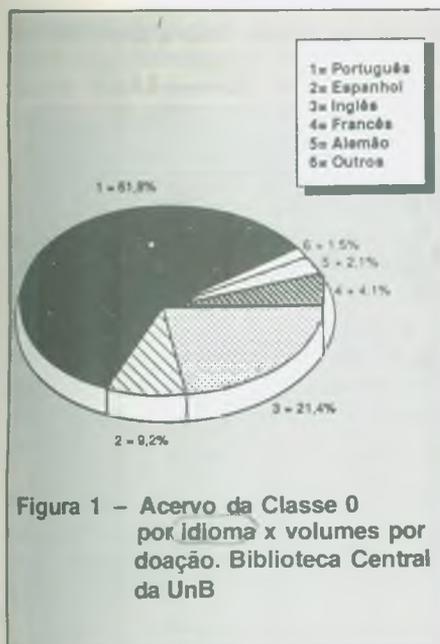
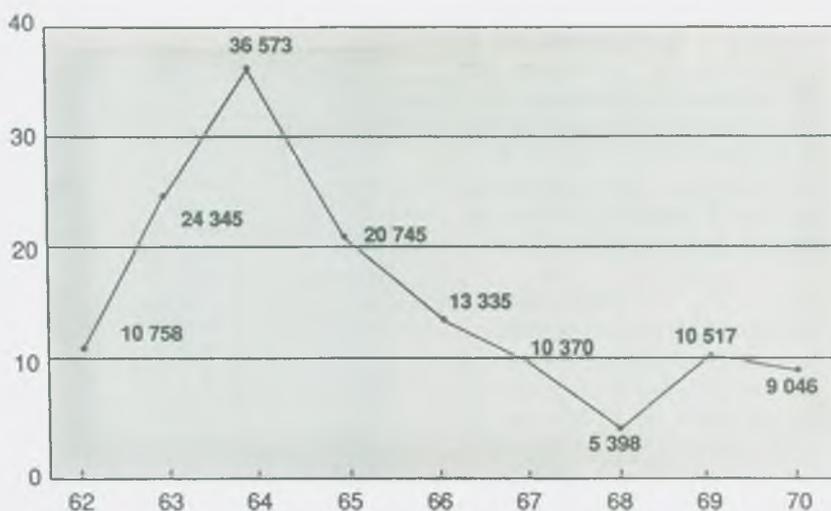
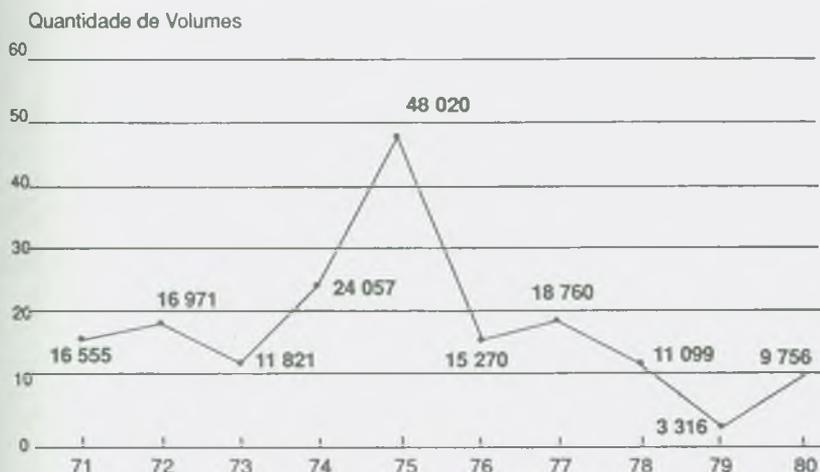


Gráfico 2 - Crescimento do acervo da Biblioteca Central da UnB. 1962-1970.



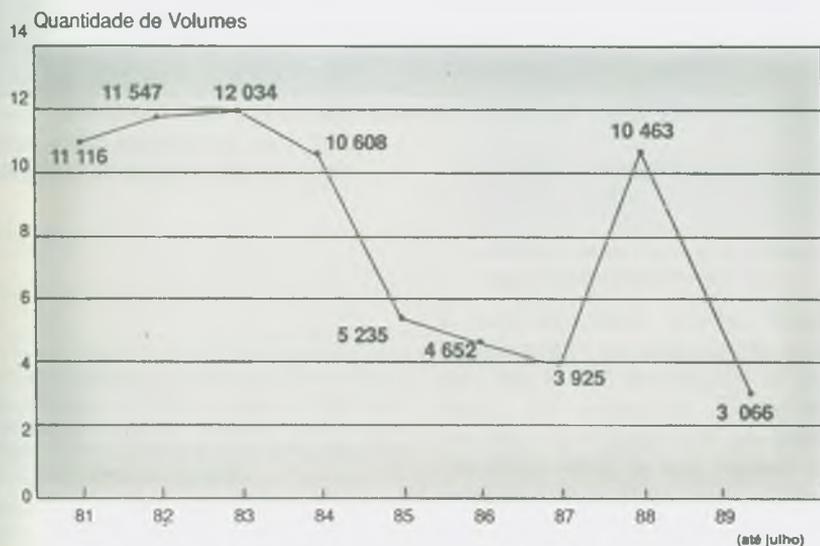
Obs.: dados dos relatórios anuais da Biblioteca Central da UnB

Gráfico 3 - Crescimento do acervo da Biblioteca Central da UnB. 1971-1980



Obs.: dados dos relatórios anuais da Biblioteca Central da UnB

Gráfico 4 - Crescimento do acervo da Biblioteca Central da UnB. 1981-1989



Obs.: dados dos relatórios anuais da Biblioteca Central da UnB

Não é pretensão nossa esgotar a riqueza de quadros e tabelas resultantes do estudo em questão, mas apenas demonstrar a sua validade ao processo de administração do desenvolvimento de acervos informacionais, com vistas à difusão da metodologia.

Quadros e tabelas são fundamentais no processo de análise e tomada de decisão. Os gráficos cumulativos (de todas as classes) relativos ao crescimento da BCE/UnB, no período 1962 a 1989, possibilitam ressaltar os anos de apogeu e os de dificuldades, sem considerar as suas causas e conseqüências.

Uma análise dos dados permite "visibilizar" o *status quo* do acervo, decompondo-o em classes, para facilitar a sua correlação posterior com outros dados (tais como demanda, empréstimo etc.) visando ao estabelecimento de quadros prospectivos, ou seja, para subsidiar políticas corretivas das distorções detectadas e sua devida adequação a necessidades legítimas.

Embora pareça complexa, a manutenção de dados atuais sobre o acervo é possível, a partir de aplicativos próprios com o auxílio de microcomputadores, desde que se implantem rotinas adequadas para a coleta de dados.

É apresentado um quadro inovador em que é possível determinar os percentuais de duplicação ao acervo, pelas diversas classes, dados da maior importância para definir, durante o processo de seleção/aquisição, o número de exemplares das obras didáticas (quadro 5).

O estudo conclui o seguinte:

"Esse perfil demonstra ter havido uma desvinculação entre o ato de adquirir e o processo de seleção, visto que a coleção foi formada e desenvolvida em percentuais bastante significativos mediante doações, incorporadas quase sempre sem nenhuma seleção prévia, e compras resultantes de seleção passiva\*.

Ademais, embora distanciado da média nacional recomendada para instituições de ensino superior, apresenta um índice médio de disponibilidade que revela uma total relação com a política de atuação da Universidade do Amazonas. Deste modo, como essa política é essencialmente voltada para atividades de ensino de graduação e este é o fator determinante da atual política de desenvolvimento do sistema, não se poderia esperar resultado diferente"<sup>10</sup>.

Em decorrência do diagnóstico, foi possível traçar uma política realista, baseada nas seguintes recomendações fundamentais:

- a) instituição de uma comissão de seleção e avaliação para atuar como órgão deliberativo e regulador do seu desenvolvimento;
- b) adequação do desenvolvimento da coleção aos conteúdos dos programas de ensino e pesquisa das unidades acadêmicas, e não aos interesses individuais dos professores;
- c) desenvolvimento de uma coleção mais consistente, a fim de também dar apoio às pesquisas institucionais;
- d) atualização da coleção geral, dando prioridade às coleções das bibliotecas dos cursos de odontologia e farmácia e aos cursos não reconhecidos;
- e) fortalecimento e elevação do índice de duplicação da coleção da biblioteca dos cursos de administração e contabilidade;
- f) desativação da biblioteca da Divisão de Auxílio aos Leitores e remanejamento da sua coleção para outras de áreas correspondentes, em razão da insignificante demanda local;
- g) fortalecimento da coleção de ciências naturais e aplicadas em língua inglesa.

É óbvio que tais recomendações só foram possíveis em virtude do diagnóstico e que este foi viabilizado pela metodologia de coleta de dados proposta, que merece ser aperfeiçoada e adequada a novas situações concretas.

### ESTUDO DE CASO: a UnB em busca de uma metodologia

O estudo mais completo e complexo até agora realizado, a partir da proposta metodológica de Miranda, foi empreendido pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE/UnB), com vistas à elaboração de um manual de política de seleção.

Apesar de recente (criada em 1962), a BCE/UnB logo constituiu-se na maior biblioteca universitária do país, tomando-se em consideração o critério da biblioteca central, com a conseqüente concentração de acervo.

A análise considerou um acervo de 513.375 volumes (dados até dezembro de 1988) e o diagnóstico foi facilitado com o emprego de programas estatísticos em microcomputador para o tratamento dos dados, inclusive para a geração de um grande conjunto de quadros e tabelas.

O diagnóstico foi exaustivo, e o relatório, ainda inédito, subdivide o acervo pelas di-

**Quadro 5 – Situação do acervo de livros e monografias das bibliotecas da Fuam**  
Classes/Títulos e Volumes

CLASSES	ACERVO / DUPLICAÇÃO		
	TÍTULOS	VOLUMES	PERCENTUAL
0	1 315	2 521	1.92%
1	1 399	2 502	1.79%
2	140	177	1.26%
3	12 633	20 359	1.61%
5	4 520	9 565	2.12%
6	7 607	18 272	2.40%
7	1 342	2 679	2.00%
8	5 331	7 749	1.45%
9	2 257	3 116	1.38%
<b>TOTAL</b>	<b>36 544</b>	<b>66 940</b>	<b>1.83%</b>

\* Entende-se por "seleção passiva" a prática muito difundida de limitar-se a comprar os títulos recomendados pelos professores, sem submetê-los a critérios mais orgânicos visando ao desenvolvimento equilibrado do acervo.

ferentes classes da CDU (de 0 até a 9), explicitando os assuntos de que trata cada uma, anotando as atividades acadêmicas dos cursos aos quais o acervo é destinado, seguindo-se análises pontuais da idade e dos idiomas representados em cada classe, como, no exemplo seguinte, para a classe 0 (zero).

#### DIAGNÓSTICO DO ACERVO DA BCE/UnB

##### Classe 0

##### Assunto:

- Generalidades e Conhecimento (0);
- Organização (061);
- Informação e Documentação (002);
- Biblioteconomia (02);
- Instituições (061);
- Publicações (08).

##### Atividades acadêmicas:

- comunicação (graduação e mestrado);
- biblioteconomia (graduação e mestrado);
- processamento de dados (graduação);
- ciência da computação (graduação e mestrado);
- generalidades, ciência e conhecimento, organização, instituições e publicações são assuntos gerais que estão relacionados a todos os cursos.

##### Idade

As obras que compõem o acervo da classe 0, foram, em sua maioria, publicadas no período de 1960 e 1980, correspondendo a um total de 55% de títulos e volumes. Em seguida, aparecem as obras mais atuais a partir de 1980, 20% de títulos e 16% de volumes. A criação do Curso de Biblioteconomia e Documentação, em 1964, gerou a necessidade da formação de uma coleção na área, contribuindo para o desenvolvimento do acervo da classe 0. As aquisições por compra são mais expressivas: 63% de títulos e 63,5% de volumes. Quanto às doações, houve um crescimento no número de títulos publicados também entre 1960 e 1980: 50,51% títulos e 50,17% volumes e um decréscimo no número de obras publicadas a partir de 1980, de títulos e volumes. Conclui-se que o acervo da classe 0 não está atualizado, apesar da criação dos cursos de pós-graduação em Biblioteconomia e Documentação, em 28 de agosto de 1977 e de Comunicação, em 27 de novembro de 1981.

##### Idioma

As obras em língua portuguesa estão em maior quantidade na classe 0 (43,1% títulos, 40,0% volumes). A língua inglesa é bastante significativa (36,4% títulos e 30,8% volumes), em razão desta classe

incluir assuntos como biblioteconomia e documentação, cuja literatura, na sua maioria, está em inglês, e ainda obras gerais de referência (bibliografias e enciclopédias), também grande parte em inglês. Em seguida, vêm o idioma espanhol (9,7% títulos e 9,3% volumes), alemão (2,3% títulos e 2,2% volumes), o francês (7,4% títulos e 6,7% volumes) e outros títulos (1,89% volumes).

Segundo o mesmo exemplo, apresenta-se a relação *per capita* de livros por aluno: (ver quadro abaixo)

##### Classe 0

##### Cursos

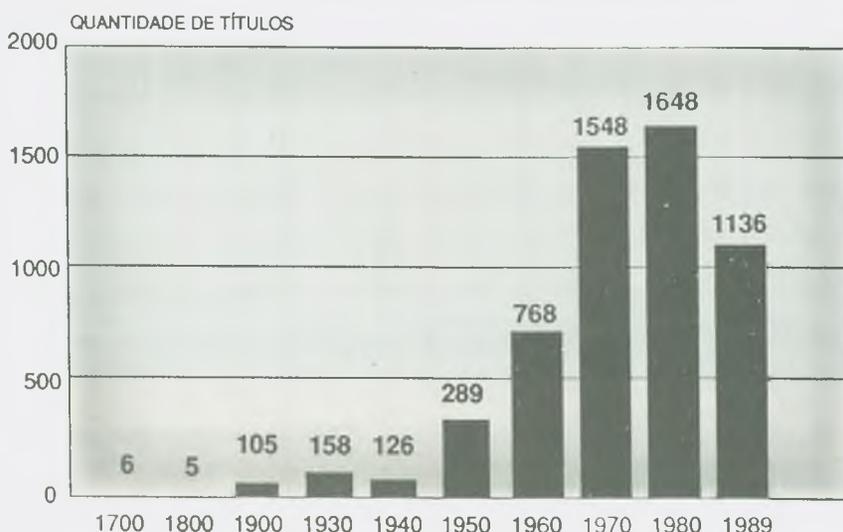
- comunicação;
- biblioteconomia;
- processamento de dados;
- ciência da computação.

TOTAL DE ALUNOS	Nº DE TÍTULOS POR ALUNO	Nº DE VOLUMES POR ALUNO
755	8	14

O confronto com a situação do acervo e sua relação por aluno, em outras classes, permite saber onde estão as fortalezas e fraquezas da coleção, abrindo perspectivas para uma melhor negociação com a comunidade, dando argumentos mais convincentes às negociações com as autoridades e, não menos importante, elementos confiáveis para contornar conflitos e pressões da comunidade usuária.

É possível aferir-se a situação particular dos títulos, segundo a idade, como no caso da classe 0 (gráfico 1), assim como situações mais específicas (por idioma x classe, por compra, por doação (figura 1) etc., assim como se obterem somatórios gerais (gráficos 2,3 e 4).

Gráfico 1 – Idade do acervo da Classe 0 da Biblioteca Central da UnB – total



## SITUAÇÃO ATUAL

Uma comissão de especialistas em bibliotecas universitárias\* convocada pela Sesu/MEC para discutir critérios de distribuição dos recursos financeiros do Programa de Recuperação do Acervo de Livros das Bibliotecas (Programa Biblos) deparou-se com o problema, já discutido, da imprecisão e desatualização de dados.

As bibliotecas das 52 instituições, de acordo com os dados disponíveis relativos a 1990, contam com 6 562 366 volumes de livros, para um universo de 363 433 alunos, com uma média de 18,26 livros por aluno.

Levantamento anterior, realizado em 1988 e revisto em 1990, englobando apenas 49 Iffes, revelava uma relação média de 19,87 volumes por aluno, mas incluindo livros e outros materiais.

O critério inicial para a alocação de recursos para o Biblos foi o de melhorar a relação livros por alunos nas Iffes, para cujo agrupamento foram constituídos os seguintes grupos:

Grupo A: de 0 até 10 livros por aluno:  
UFPA, UFRN, UFRPE, Cefet-MA, UFF, Efe, EPM, UFSM. (8 Iffes)

Grupo B: de 10,01 até 20 livros por aluno:  
UFPR, FCPA, Unir, Ufam, Ufac, Ufap, Ufal, UFCE, UFPB, UFPE, Cetec-BA, UFMA, UFPI, UFSE, Ufes, UFJF, UFRRJ, FMTM, Efoa, Esal, Uni-Rio, UFU, UFSCar, UFV, Funrey, UFPR, UFSC, FURG, FCMPOA, UFG, UFM (31 Iffes)

Grupo C: de 20,01 até 30 livros por aluno:  
UFMG, Cefet-RJ, UFRGS, UFPEL, Cefet-PR, UFMS (6 Iffes)

Grupo D: de 30,01 até 40 livros por aluno:  
UFBA, UFRJ, Fafeod, Cefet-MG, Ufop (5 Iffes)

Grupo E: acima de 40 livros por aluno:  
Esam, UnB (2 Iffes)

Resumindo, 36 instituições estão abaixo da relação média de livros por aluno das 52 Iffes, que é de 18,26, conforme o confronto de dados, em ordem decrescente, na tabela 1.

Tabela 1 - Ordem decrescente dos percentuais da relação volume/aluno nas Iffes

REGIÃO	IFES	Nº VOLUMES 1990(1)	Nº ALUNOS 1990(1)	RELAÇÃO VOLUME/ALUNO	GRUPO
NORDESTE	ESAM	31 301	443	70,66	E
C. OESTE	UNB	413 542	10 163	40,69	E
SUDESTE	UFOP	81 019	2 066	39,22	D
SUDESTE	UFRJ	974 604	29 095	33,50	D
SUDESTE	FAFEOD	6 090	183	33,28	D
SUDESTE	CEFET/MG	25 495	800	31,87	D
NORDESTE	UFBA	480 862	15 169	31,70	D
SUDESTE	CEFET/RJ	23 715	826	28,71	D
SUDESTE	UFMG	442 871	18 185	24,35	C
C.OESTE	UFES	137 923	6 106	22,59	C
SUL	CEFETE/PR	23 289	1 041	22,37	C
SUL	UFPEL	119 878	5 379	22,29	C
SUL	UFRGS	409 215	18 843	21,72	C
SUDESTE	UFSCAR	65 305	3 255	20,06	C
C. OESTE	UFMT	139 681	7 087	19,71	C
SUDESTE	UFU	136 100	6 924	19,66	C
<hr/>					
NORDESTE	UFPE	289 842	16 137	17,96	B
SUDESTE	ESAL	35 500	2 054	17,28	B
SUDESTE	UFRJ	56 935	3 298	17,26	B
NORDESTE	CENTEC/BA	13 219	778	16,99	B
SUL	FCMPOA	8 400	495	16,97	B
SUDESTE	UNIRIO	56 998	3 432	16,61	B
NORTE	UFAM	112 404	6 935	16,21	B
NORTE	UFAC	47 772	3 089	15,47	B
SUDESTE	UFES	120 657	7 852	15,37	B
SUL	FURG	62 665	4 171	15,02	B
NORDESTE	UFPB	325 608	21 938	14,84	B
NORDESTE	UFSE	80 786	5 571	14,50	B
NORTE	UFRR	12 000	829	14,48	B
SUL	UFRR	218 378	15 208	14,36	B
SUL	UFSC	193 911	13 661	14,19	B
SUDESTE	UFV	74 794	5 304	14,10	B
SUDESTE	FUNREY	34 967	2 493	14,03	B
NORDESTE	UFMA	104 673	7 543	13,88	B
NORDESTE	UFCE	160 251	11 699	13,70	B
SUDESTE	EFOA	11 334	888	12,76	B
NORDESTE	UFAL	94 000	7 559	12,44	B
SUDESTE	FMTM	6 315	514	12,29	B
C. OESTE	UFG	89 373	7 429	12,03	B
SUDESTE	UFJF	76 193	6 376	11,95	B
NORTE	FCAP	12 624	1 070	11,80	B
NORDESTE	UFPI	86 627	7 979	10,86	B
NORTE	UFAP	14 008	1 350	10,38	B
NORTE	UNIR	26 352	2 586	10,19	B
NORDESTE	UFRPE	37 610	3 767	9,98	B
SUDESTE	UFF	167 748	17 414	9,63	B
NORDESTE	UFRN	160 838	16 759	9,60	A
SUDESTE	EPM	13 000	1 438	9,04	A
NORDESTE	CEFET/MA	8 306	938	8,86	A
SUL	UFSM	80 000	9 536	8,39	A
NORTE	UFPA	144 888	17 613	8,23	A
SUDESTE	EFEI	12 500	2 206	5,67	A
<b>TOTAL</b>		<b>6 539 07</b>	<b>362 433</b>	<b>18,26</b>	

NOTA:(1) Dados referentes a 1990, apenas volumes de livros.

Fonte: PROIB-MEC/SESU/DED, 1993<sup>11</sup>.

\* Comissão composta pelos professores Kira Tapanoff, Wanda Paranhos, Maria Carmen Romcy de Carvalho, Antonio Miranda e Leila Mercadante.

Na tabela 2, é possível visualizar a mesma distribuição decrescente dos acervos por alunos, mas agrupando as Ifes por regiões.

É possível constatar as situações atípicas da Esam e da UnB, com médias muito elevadas\* e a supremacia relativa dos acervos das universidades da região Sudeste. Poucas bibliotecas no Nordeste e nenhuma do Norte superam a média nacional, o que representa um entrave às atividades de ensino, pesquisa e extensão das universidades e institutos isolados de ensino superior.

A comissão recomendou fosse adotada uma política de investimentos que possibilite às instituições menos favorecidas atingir a média nacional.

A meta imediata adotada foi a de atingir um mínimo de 10 livros por aluno, em cinco anos, considerada modesta, mas realista em face das instituições orçamentárias.

Considerou também uma proporcionalidade na distribuição das verbas para aquisição de obras nacionais e estrangeiras, baseada no estágio de desenvolvimento da infra-estrutura de pós-graduação das Ifes, cuja análise foge ao escopo do presente trabalho.

## CONCLUSÕES

Não obstante a precariedade e pobreza relativa dos acervos das instituições federais de ensino superior (Ifes) (ou em consequência de), vem-se tentando desenvolver estudos que levem a um conhecimento mais detalhado das diversas coleções – referência, básica ("lastro"), corrente, obras raras, especiais etc. –, sua idade e idiomas, assim como formas de aquisição – compra, doação e permuta, em séries históricas para melhor compreender a sua evolução.

Metodologias capazes de detalhar o *status quo* dos acervos têm sido propostas, inclusive permitindo sua subdivisão em classes e até subclasses, para facilitar a "radiografia" de setores das coleções.

Tabela 2 – Ifes segundo ordem decrescente de relação volume/aluno por região – 1990

REGIÃO	IFES	Nº VOLUMES 1990(1)	Nº ALUNOS 1990(1)	RELAÇÃO VOLUME/ALUNO	GRUPO
NORTE	UFAM	112 404	6 935	16,21	B
NORTE	UFAC	47 772	3 089	15,47	B
NORTE	UFRR	12 000	829	14,48	B
NORTE	FCAP	12 624	1 070	11,80	B
NORTE	UFAP	14 008	1 350	10,38	B
NORTE	UNIR	26 352	2 586	10,19	B
NORTE	UFPA	144 888	17 613	8,23	A
NORDESTE	ESAM	31 301	443	70,66	E
NORDESTE	UFBA	480 862	15 169	31,70	D
NORDESTE	UFPE	289 842	16 137	17,96	B
NORDESTE	CENTEC/BA	13 219	778	16,99	B
NORDESTE	UFPB	325 608	21 938	14,84	B
NORDESTE	UFSE	80 786	5 571	14,50	B
NORDESTE	UFMA	104 673	7 543	13,88	B
NORDESTE	UFCE	160 251	11 699	13,70	B
NORDESTE	UFAL	94 000	7 559	12,44	B
NORDESTE	UFPI	86 627	7 979	10,86	B
NORDESTE	UFRPE	37 610	3 767	9,98	A
NORDESTE	UFRN	160 838	16 759	9,60	A
NORDESTE	CEFET/MA	8 306	938	8,86	A
SUDESTE	UFOP	81 019	2 066	39,22	D
SUDESTE	UFRJ	974 604	29 095	33,50	D
SUDESTE	FAFEOD	6 090	183	33,28	D
SUDESTE	CEFET/MG	25 495	800	31,87	D
SUDESTE	CEFET/RJ	23 715	826	28,71	C
SUDESTE	UFMG	442 871	18 185	24,35	C
SUDESTE	UFSCAR	65 305	3 255	20,06	B
SUDESTE	UFU	136 100	6 924	19,66	B
SUDESTE	ESAL	35 500	2 054	17,28	B
SUDESTE	UFRJ	56 935	3 298	17,26	B
SUDESTE	UNIRIO	56 998	3 432	16,61	B
SUDESTE	UFES	120 657	7 852	15,37	B
SUDESTE	UFV	74 794	5 304	14,10	B
SUDESTE	FUNREY	34 967	2 493	14,03	B
SUDESTE	EFOA	11 334	888	12,76	A
SUDESTE	FMTM	6 315	514	12,29	A
SUDESTE	UFJF	76 193	6 376	11,95	A
SUDESTE	UFF	167 748	17 414	9,63	A
SUDESTE	EPM	13 000	1 438	9,04	A
SUDESTE	EFEI	12 500	2 206	5,67	A
SUL	CEFET/PR	23 289	1 041	22,37	C
SUL	UFPEL	119 878	5 379	22,29	C
SUL	UFRGS	409 215	18 843	21,72	C
SUL	FCMPOA	8 400	495	16,97	B
SUL	FURG	62 665	4 171	15,02	B
SUL	UFPR	218 378	15 208	14,36	B
SUL	UFSC	193 911	13 661	14,19	B
SUL	UFSM	80 000	9 536	8,39	A
C. OESTE	UNB	413 542	10 163	40,69	E
C. OESTE	UFMS	137 923	6 106	22,59	C
C. OESTE	UFMT	139 681	7 087	19,71	B
C. OESTE	UFG	89 373	7 429	12,03	B
<b>TOTAL</b>		<b>6 539 077</b>	<b>362 433</b>	<b>18,26</b>	

NOTA:(1) Dados referentes a 1990, apenas volumes de livros.

Fonte: PROIB-MEC/SESU/DED, 1993<sup>11</sup>.

É justo reconhecer que tais estudos de "visibilização" de acervos são quantitativos, isto é, não contemplam as possibilidades das avaliações qualitativas. Em verdade, nem pretendem ser avaliações científicas como as que, usando também métodos quantitativos como os da bibliometria, pretendem chegar a resultados mais cabais e universais.

Os diagnósticos, mais que avaliações, resultantes das metodologias em questão, pretendem apenas fornecer elementos para juízos de natureza administrativa, localizados no tempo e no espaço, circunscritos aos fenômenos descritos, mas mesmo com tais limitações, extremamente válidos no processo decisório e na administração de políticas de desenvolvimento de acervos informacionais.

\* Seria recomendável que fosse feita uma nova tabela, baseada na "moda", e não na média pura e simples, para cortar a distorção, hipótese que chegou a ser considerada pela Comissão, mas não implementada, de imediato.

Outra possibilidade seria a de preparar uma nova tabela, desta feita, agrupando-se os percentuais pelo porte das Ifes (pequeno, médio e grande porte), para enriquecer a análise dos dados.

É possível afirmar que o espaço necessário para a realização de tais estudos se justifica na medida em que, para melhor distribuir e/ou usar recursos financeiros cada vez mais escassos, métodos mais precisos necessitam orientar as futuras aquisições.

Acervos são um patrimônio que requerem recursos vultosos, com o risco sempre presente de aquisições socialmente menos justificáveis, se os critérios de sua seleção não forem minimamente objetivos e, no caso concreto, não se hastearém em análises precisas de sua situação real.

É óbvio que tais providências técnicas fornecem ao bibliotecário dados mais seguros para uma arbitragem e gerenciamento mais legítimos do processo decisório junto às suas comunidades.

## Bibliographic collections of the libraries of higher level institutions in Brazil: problematic situation and analysis of the methodology for its permanent diagnosis

### Abstract

The article presents: 1) the evolution of the studies on university libraries bibliographic collections in Brazil: the predicament, the data discrepancy with emphasis on books per student problem; 2) the methodology proposed by the author, following the pioneer study about university libraries on Education, in 1977, 3) the Universidade Federal do Rio Grande do Norte bibliographic collection (1980) evaluation; 4) the characterization of the Fundação Universidade do Amazonas bibliographic collection (1987); 5) and presents, with more details, the case study of the methodology applied in the Universidade de Brasília bibliographic collection analysis. The author describes the current situation of the libraries bibliographic collections in 52 Brazilian federal universities – with an average rate of 18,26 books per student – and the decreasing order of the bibliographic collection according its geographical distribution. Finally, he describes the goals and the governmental arrangements to promote the bibliographic collections development – in order to help those less developed libraries to reach, in the next 5 years, a rate of, at least, 10 volumes per student.

### Key words

Collection development; Methodology for bibliographic collection analysis; Data books per student; University libraries/Brazil.

O conhecimento mais perfeito dos acervos, aliado a avaliações de uso, estudos de demandas, e todos os demais mecanismos próprios do processo de seleção – escolha de fontes adequadas para a seleção, critérios mais justos na distribuição das verbas entre diversas áreas do conhecimento (em função ao acervo já existente e das demandas em curso) – são pré-condições necessárias para o êxito.

No quadro atual de miséria bibliográfica de nossas lfes, justificam-se programas governamentais emergenciais, tais como o Biblos, com o apoio do MEC/Sesu e da Finep, mas é correto lembrar que o desenvolvimento e manutenção das coleções são de intransferível responsabilidade das próprias lfes, para garantir a longo prazo coleções que tenham critérios internacionais de qualidade.

A modernização é o melhor aparelhamento das bibliotecas, já em curso, com a adoção de novas tecnologias, assim como o aperfeiçoamento e expansão de melhores e mais sofisticados serviços à comunidade acadêmica – tais como disseminação seletiva de informação, buscas em linha nas bases de dados internacionais, CD-ROM, catálogos coletivos etc – só cumprirão a sua função, se os acervos próprios (ou os acessíveis por meio da comutação bibliográfica e do empréstimo interbibliotecário) também evoluírem em quantidade e qualidade. Do contrário, estaremos dando lugar ao paradoxo de agilizar e ampliar uma demanda em cima de acervos estáticos e decadentes, gerando mais frustração nos usuários.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. IBGE. *Bibliotecas brasileiras*. Rio de Janeiro: IBGE: INL, 1980. 76p.
2. PLANO BÁSICO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, 3. *Ação Programada da Informação em Ciência e Tecnologia*. Brasília, Seplan/CNPq – IBICT, 1984. 69p. p.28.
3. CHASTINET, Yone Sepulveda. *Bibliotecas das instituições federais de ensino superior: remontar ou desmontar*. Brasília, Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias. 1988: 13f. (SESU/PNU/Doc. Tec. 009/88).
4. CAPES. *Guia de bibliotecas universitárias brasileiras*. Brasília, MEC/Departamento de Divulgação, 1979. 3v.
5. CARVALHO, Maria Carmen Romcy de. *Estabelecimento de padrões mínimos para bibliotecas universitárias*. Fortaleza, Edições UFC; Brasília, ABDF, 1981. 72p. p.51.
6. WITHERS, F.N. *Standards for library service: an international survey*. Paris, Unesco, 1974. 421p.
7. MIRANDA, Antonio. *Bibliotecas dos Cursos de Pós-Graduação em Educação no Brasil, estudo comparado*. In: CONGRESSOS BRASILEIROS DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO. 9., Porto Alegre, 1977. *Anais do IX Congresso Brasileiro e V Jornada Sul-Rio-Grandense de Biblioteconomia e Documentação*. Porto Alegre, 3 a 8 de julho de 1977. Porto Alegre, 1977. Vol. 2, p.268-333.
8. MIRANDA, Antonio. *Estruturas de Informação e Análise Conjuntural: ensaios*. Brasília, 1980. 169p.
9. FERREIRA, Sonia Campos. *Avaliação da coleção bibliográfica da Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte*. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v.8, n.1, p.44-51, jan./jun. 1980.
10. LIMA, Raimundo Martins de, et alii. *Caracterização do acervo e proposta de política para seu desenvolvimento nas bibliotecas da Fundação Universidade do Amazonas*. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v.15, n.2, p.293-316, jul./dez. 1987.
11. PROBIB – MEC/SESU/DED. *Redefinição de Critérios de Distribuição dos Recursos do Programa de Recuperação do Acervo de Livros das Bibliotecas das lfes – Biblos*. Brasília, Probib – MEC/Sesu/DED, 1993. Ata da 1ª Reunião da Comissão de Especialistas em Bibliotecas Universitárias – 16 a 17.02.93.

Artigo aceito para publicação em 22 de agosto de 1993.

### Antonio Lisboa Carvalho de Miranda

Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Professor do Departamento de Ciências da Informação e Documentação da Universidade de Brasília.

## SITUAÇÃO ATUAL

Uma comissão de especialistas em bibliotecas universitárias\* convocada pela Sesu/MEC para discutir critérios de distribuição dos recursos financeiros do Programa de Recuperação do Acervo de Livros das Bibliotecas (Programa Biblos) deparou-se com o problema, já discutido, da imprecisão e desatualização de dados.

As bibliotecas das 52 instituições, de acordo com os dados disponíveis relativos a 1990, contam com 6 562 366 volumes de livros, para um universo de 363 433 alunos, com uma média de 18,26 livros por aluno.

Levantamento anterior, realizado em 1988 e revisto em 1990, englobando apenas 49 Ifes, revelava uma relação média de 19,87 volumes por aluno, mas incluindo livros e outros materiais.

O critério inicial para a alocação de recursos para o Biblos foi o de melhorar a relação livros por alunos nas Ifes, para cujo agrupamento foram constituídos os seguintes grupos:

Grupo A: de 0 até 10 livros por aluno:  
UFPA, UFRN, UFRPE, Cefet-MA, UFF, Efei, EPM, UFSM. (8 Ifes)

Grupo B: de 10,01 até 20 livros por aluno:  
UFPR, FCPA, Unir, Ufam, Ufac, Ufap, Ufal, UFCE, UFPB, UFPE, Cetec-BA, UFMA, UFPI, UFSE, Ufes, UFJF, UFRRJ, FMTM, Efoa, Esal, Uni-Rio, UFU, UFSCar, UFV, Funrey, UFPR, UFSC, FURG, FCMPOA, UFG, UFM (31 Ifes)

Grupo C: de 20,01 até 30 livros por aluno:  
UFMG, Cefet-RJ, UFRGS, UFPEL, Cefet-PR, UFMS (6 Ifes)

Grupo D: de 30,01 até 40 livros por aluno:  
UFBA, UFRJ, Fateod, Cefet-MG, Ufop (5 Ifes)

Grupo E: acima de 40 livros por aluno:  
Esam, UnB (2 Ifes)

Resumindo, 36 instituições estão abaixo da relação média de livros por aluno das 52 Ifes, que é de 18,26, conforme o confronto de dados, em ordem decrescente, na tabela 1.

Tabela 1 – Ordem decrescente dos percentuais da relação volume/aluno nas Ifes

REGIÃO	IFES	Nº VOLUMES 1990(1)	Nº ALUNOS 1990(1)	RELAÇÃO VOLUME/ALUNO	GRUPO
NORDESTE	ESAM	31 301	443	70,66	E
C. OESTE	UNB	413 542	10 163	40,69	E
SUDESTE	UFOP	81 019	2 066	39,22	D
SUDESTE	UFRJ	974 604	29 095	33,50	D
SUDESTE	FAFEOD	6 090	183	33,28	D
SUDESTE	CEFET/MG	25 495	800	31,87	D
NORDESTE	UFBA	480 862	15 169	31,70	D
SUDESTE	CEFET/RJ	23 715	826	28,71	D
SUDESTE	UFMG	442 871	18 185	24,35	C
C.OESTE	UFMS	137 923	6 106	22,59	C
SUL	CEFETE/PR	23 289	1 041	22,37	C
SUL	UFPEL	119 878	5 379	22,29	C
SUL	UFRGS	409 215	18 843	21,72	C
SUDESTE	UFSCAR	65 305	3 255	20,06	C
C. OESTE	UFMT	139 681	7 087	19,71	C
SUDESTE	UFU	136 100	6 924	19,66	C
<hr/>					
NORDESTE	UFPE	289 842	16 137	17,96	B
SUDESTE	ESAL	35 500	2 054	17,28	B
SUDESTE	UFRJ	56 935	3 298	17,26	B
NORDESTE	CENTEC/BA	13 219	778	16,99	B
SUL	FCMPOA	8 400	495	16,97	B
SUDESTE	UNIRIO	56 998	3 432	16,61	B
NORTE	UFAM	112 404	6 935	16,21	B
NORTE	UFAC	47 772	3 089	15,47	B
SUDESTE	UFES	120 657	7 852	15,37	B
SUL	FURG	62 665	4 171	15,02	B
NORDESTE	UFPB	325 608	21 938	14,84	B
NORDESTE	UFSE	80 786	5 571	14,50	B
NORTE	UFRR	12 000	829	14,48	B
SUL	UFRR	218 378	15 208	14,36	B
SUL	UFSC	193 911	13 661	14,19	B
SUDESTE	UFV	74 794	5 304	14,10	B
SUDESTE	FUNREY	34 967	2 493	14,03	B
NORDESTE	UFMA	104 673	7 543	13,88	B
NORDESTE	UFCE	160 251	11 699	13,70	B
SUDESTE	EFOA	11 334	888	12,76	B
NORDESTE	UFAL	94 000	7 559	12,44	B
SUDESTE	FMTM	6 315	514	12,29	B
C. OESTE	UFG	89 373	7 429	12,03	B
SUDESTE	UFJF	76 193	6 376	11,95	B
NORTE	FCAP	12 624	1 070	11,80	B
NORDESTE	UFPI	86 627	7 979	10,86	B
NORTE	UFAP	14 008	1 350	10,38	B
NORTE	UNIR	26 352	2 586	10,19	B
NORDESTE	UFRPE	37 610	3 767	9,98	B
SUDESTE	UFF	167 748	17 414	9,63	B
NORDESTE	UFRN	160 838	16 759	9,60	A
SUDESTE	EPM	13 000	1 438	9,04	A
NORDESTE	CEFET/MA	8 306	938	8,86	A
SUL	UFSM	80 000	9 536	8,39	A
NORTE	UFPA	144 888	17 613	8,23	A
SUDESTE	EFEI	12 500	2 206	5,67	A
<b>TOTAL</b>		<b>6 539 07</b>	<b>362 433</b>	<b>18,26</b>	

NOTA:(1) Dados referentes a 1990, apenas volumes de livros.

Fonte: PROIB-MEC/SESU/DED, 1993<sup>11</sup>.

\* Comissão composta pelos professores Kira Tarapanoff, Wanda Paranhos, Maria Carmen Romcy de Carvalho, Antonio Miranda e Leila Mercadante.